Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

A ARMADILHA DA CULTURA DA PERFORMANCE: impactos psicológicos na contemporaneidade

THE PERFORMANCE CULTURE TRAP: psychological impacts in contemporary times

Bruna Oliveira Jorge de Souza, Camila Filgueira de Sena, Giovanna Alves de Siqueira, Tahamy Louise Duarte Pereira

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Ciências da Saúde, Curso de Psicologia
E-mail para contato: tahamypereira@unisanta.br

RESUMO – O presente estudo teve como objetivo analisar os prejuízos psicológicos provocados pela Cultura da Performance entre os usuários de plataformas digitais, bem como suas implicações nos processos de subjetivação e construção de identidade. A metodologia utilizada foi qualitativa, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura acadêmica, entre os anos de 2015 e 2026. Os resultados indicam uma relação entre as plataformas digitais e a busca constante por validação e exposição, promovendo um modo de existir baseado no culto ao desempenho, denominado de Cultura da Performance. Conclui-se que as redes sociais estão relacionadas ao sofrimento psíquico contemporâneo e é necessária uma reflexão crítica que contribua para o debate sobre a temática e o uso consciente das plataformas digitais.

Palavras-chave: Performance; Plataformas Digitais; Subjetivação; Identidade; Sofrimento psíquico.

ABSTRACT – This study aimed to analyze the psychological harm caused by the Performance Culture among users of digital platforms, as well as its implications for the processes of subjectivation and identity construction. The methodology was qualitative, based on an integrative review of academic sources, published between 2015 and 2026. Results indicate a correlation between digital platforms and a constant pursuit of validation and exposure, fostering a way of existing rooted in the cult of performance, denominated Performance Culture. The study concludes that social media is associated with contemporary psychological distress, highlighting the need for critical reflection to contribute to the debate on this topic and to the conscious use of digital platforms.

Keywords: Performance; Digital Platforms; Subjectivation; Identity; Psychological distress.

ISSN 2317-1316

1 INTRODUÇÃO

A nova onda de conectividade gerada pelo advento da Web 2.0, evento que retirou os usuários da posição exclusiva de consumidores de informações e os transformou em participantes ativos das redes, alcançou diferentes meios de comunicação e criou novas maneiras de se comportar, ser e compreender a si mesmo a partir das variadas formas de exposição e divulgação da vida íntima. Através da produção de conteúdos em blogs como "faça você mesmo" ou "seja você mesmo", usuários passaram a acessar temas de seu interesse e a criar comunidades digitais através do compartilhamento de mensagens de *status*, fotos e vídeos, *check-ins,* curtidas e comentários. Dessa forma, com a criação de diferentes dispositivos de Internet móvel e redes que buscam a participação ativa de seus usuários, estar conectado o tempo todo tornou-se um imperativo. Assim, selecionar cautelosamente o conteúdo que será exposto ou omitido sobre si mesmo caracteriza-se como um processo denominado "estetização do self", no qual o usuário expõe gostos e preferências culturais baseados em características das identidades participantes do grupo em questão, resultando em perfis e postagens totalmente customizados que priorizam somente aspectos considerados positivos do indivíduo (Rosa; Santos, 2015; Cuevas; Pasetti, 2014).

Nesse contexto, as redes sociais são consideradas plataformas ideais para a exibição de habilidades e conquistas adquiridas através da superprodutividade e do consumo desenfreado, em que o usuário é incentivado a vender e promover a si mesmo como marca pessoal para garantir sua sobrevivência e inclusão na era digital. Estas plataformas, por sua vez, mostram-se diretamente relacionadas à indução de comportamentos desejados por seus pelas pessoas e organizações que as comandam (os quais coletam, armazenam e analisam seus dados mediante o uso), em articulação com a cultura neoliberal. O neoliberalismo, por sua vez, consiste em uma configuração sociocultural que transcende um modelo econômico e político, incidindo nas formas como o mundo é narrado, bem como nos sentidos denotados ao passado e futuro, nas características dos projetos intelectuais, nas práticas da vida cotidiana e nos modos de identificação e ação política (Carvajal, 2025). Neste campo, os comportamentos induzidos associam-se a um cunho impositivo – isso porque, ainda que o usuário das redes possua determinada autonomia, acaba sendo, invariavelmente, membro da sociedade que se encontra sob tal influência. Assim, desenvolve-se e vigora a Cultura da Performance (Lisboa, Kieling; Senta, 2024; Castro, 2022).

ISSN 2317-1316

A Cultura da Performance como conceito na área de Psicologia ainda se encontra em constante construção, sendo um termo recentemente "emprestado" das áreas de Empreendedorismo e Marketing, também cunhado como Sociedade da Performance. A palavra "performance" pode ser caracterizada como a habilidade de uma empresa em alcançar suas metas inteiramente, e é muitas vezes empregada como sinônimo de efetividade. Além disso, há a utilização do termo no âmbito artístico, sendo associado a rituais, festivais e apresentações teatrais, como afirma Camargo (2016, p. 12) ao definir performance como "em um sentido complexo, a estrutura e o movimento da cultura no espaço-tempo". Por outro lado, a palavra cultura também possui diferentes definições, a depender do contexto considerado. Assim, dois conceitos são predominantes para descrever a palavra: o primeiro é compreendido como um conjunto de valores, experiências e conhecimentos de uma pessoa; já o segundo, de forma mais ampla, define cultura como a soma de valores, conhecimentos e práticas experimentados por um grupo em um determinado tempo e, não essencialmente, no mesmo espaço (Ghalem; Okar; Chroqui, 2016; Kenski, 2018).

Sendo assim, o termo *Cultura da Performance* envolve um conjunto de valores e práticas adotadas a partir de desejos e ímpetos de um corpo social para, constantemente, alcançar metas e demonstrar efetividade, providenciando resultados. Nesse contexto, o conceito adquire seu significado no campo da Psicologia a partir de críticas relacionadas ao sistema neoliberal e, principalmente, a partir do comportamento dos sujeitos nas plataformas digitais que, incorporadas pelo sistema capitalista, convertem as interações sociais em produto, tornando a autoexploração e a constante busca por validação um objetivo, instigando a exposição contínua para a manutenção da relevância *online* e cunhando a chamada Cultura da Performance. Neste estudo, o termo pode ser compreendido como a busca por validação social através de curtidas e compartilhamentos, bem como a obsessão por produtividade e sucesso, além da priorização do desempenho e da autoexploração internalizada e perpetuada na sociedade atual, provocando um culto à autoexposição e criação de uma imagem virtual. Esses fatores a constituem, de maneira que se torne uma manifestação humana responsável por designar um modo de existir baseado no culto ao desempenho em todas as esferas sociais (Lisboa, Kieling e Senta, 2024; Facas, 2020).

Assim, a necessidade de investigar a Cultura da Performance e seu impacto psicológico nos âmbitos cognitivo e emocional dos usuários das plataformas digitais decorre de seu

ISSN 2317-1316

imperativo, pautado na lógica corporativa do empreendedorismo de si, que visa a construção individual através da performance, em uma busca inalcançável pelo ideal de perfeição socialmente estabelecido – o qual, por sua vez, é incompatível com a existência humana, dado que inviabiliza espaços para fraquezas, tristezas e cansaço. Desse modo, entendendo que a busca pela aprovação de terceiros tornou-se um elemento componente da experiência humana, moldando as interações sociais e os processos de subjetivação, e considerando que o empenho pela conquista do inexistente desvirtua a própria existência, que se torna carente de sentidos, com afetos colonizados e deslocados para o cumprimento dos imperativos falsos instaurados pela norma performática; torna-se necessário maior aprofundamento acerca da temática, diante da lacuna de produções científicas contemplando os prejuízos psicológicos decorrentes dessa Cultura (Lisboa, Kieling; Senta, 2024; Rosa; Santos, 2015; Magalhães, 2024).

Por isso, o presente estudo tem como objetivo analisar os prejuízos psicológicos ocasionados pela Cultura da Performance aos usuários das plataformas digitais, bem como a influência desta sobre os processos de subjetivação e construção da identidade, buscando compreender quais os impactos gerados no âmbito individual e societal, para pensar possíveis intervenções frente à problemática.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo adotou como método uma revisão bibliográfica integrativa a partir da proposta de Ganong (1987), com o objetivo de selecionar dados da literatura teórica sobre a Cultura da performance e seus efeitos, assim como a incorporação de conceitos e revisão de teorias pré-existentes. A utilização da abordagem justifica-se pela intenção de identificar possíveis lacunas no conhecimento e divergências entre autores, além da apresentação de novos questionamentos e sugestões para pesquisas futuras. Foram definidos os seguintes critérios de inclusão: (i) artigos publicados e indexados aos bancos de dados referidos nos últimos onze anos; (ii) artigos publicados em português, inglês e espanhol; (iii) artigos indexados em bases de dados científicas reconhecidas, como Medline, PsycINFO e Google Scholar; e (iv) artigos que retratassem a temática referente à exposição à "Cultura da Performance" ou conceitos relacionados (hiperprodutividade, culto ao desempenho) e os impactos na subjetivação, no processo de construção da identidade e nas relações interpessoais.

A busca foi realizada entre agosto de 2025 e setembro de 2026, utilizando a combinação

ISSN 2317-1316

de termos controlados (MeSH - Medical Subject Headings e DeCS - Descritores em Ciências da Saúde) e termos livres (palavras-chave), em português e inglês. Foram elaborados quatro blocos conceituais principais, combinados pelo método booleano AND e OR: ("Performance Culture" or "High Performance Culture" or "Hyperproductivity" or "Culto da Performance" or "Cultura da Performance" or "Hiperprodutividade") and ("Neoliberalism" or "Neoliberalismo" or "Empresário de si mesmo" or "Produção") and ("Subjectivity" or "Subjetividade" or "Contemporary" or "Contemporaneidade" or "Sociedade") and ("Psychological Impact" or "Mental Disorder" or "Saúde Mental" or "Impactos Psicológicos" or "Burnout" or "Ansiedade" OR "Depressão").

Sendo assim, a pesquisa inicial resultou na seleção de 13 artigos a partir de seus títulos e resumos. Com as referências pré-selecionadas, foi realizada a leitura na íntegra, a discussão entre as pesquisadoras e a exclusão daqueles que não atendiam aos critérios determinados de elegibilidade, resultando na eleição de 7 artigos como principais compositores da pesquisa. A análise e interpretação dos dados foram realizadas através da Análise Temática (AT) proposta por Braun e Clarke (2006), objetivando analisar, interpretar e encontrar padrões e temas recorrentes na literatura existente. A metodologia utilizada permite a formulação de uma análise interpretativa através da organização e descrição dos dados em rico detalhe, visando assegurar a possibilidade de replicação do estudo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Leite (2022, p. 128), "a necessidade e o prazer de conectar-se a si mesmo e a outrem a partir de diferentes formas de exposição" certamente desempenham um papel fundamental na manutenção da hiperconectividade. Assim, as redes assumem uma posição fulcral na vida cotidiana, convertendo-se em espaços de sociabilidade, expressão e entretenimento, influenciando nos modos de interação, na produção de subjetividades e na construção da percepção de si e do outro. Por isso, dentre as possíveis razões que levam um indivíduo a permanecer conectado, encontram-se as de ordem emocional e relacional, a manutenção do contato constante com amigos, familiares e a possibilidade de conectar-se com terceiros independente das fronteiras de tempo e espaço; as quais podem oferecer sentimentos de pertencimento e comunidade. Nesse contexto, o mundo virtual pode oferecer a grupos socialmente marginalizados a possibilidade de compartilhar suas lutas, tornando-se palco de

ISSN 2317-1316

diferentes discussões e organizações sociais e políticas, facilitando a coordenação de atos populares, assim como oferecendo espaços de apoio emocional e pertencimento. Por isso, a internet se configura como um espaço de visibilidade para aqueles que, por muito tempo, foram silenciados e oprimidos (Neta *et al*., 2026; Conde; Seixas, 2021).

No entanto, esses mesmos fatores também podem funcionar como agentes adoecedores. Os mecanismos de busca e acesso oferecidos pelo mundo virtual possibilitam a criação de laços sociais e emocionais através da interação, produzindo modos inéditos de socialização em que estes usuários compartilham de uma identidade, organizada a partir de critérios definidos por uma pequena parcela da sociedade, que oferece a ilusão de ser um grupo majoritário, estabelecendo uma espécie de padrão apresentado como algo facilmente acessível e reproduzível. Dessa forma, estas novas modalidades de grupos presentes no ambiente digital são caracterizadas pela reprodução de identidades, ou seja, levam os sujeitos a constantemente almejarem algo em comum, sejam ideais políticos, crenças, detalhes corporais ou objetos de consumo, em uma espécie de efeito manada. Sendo assim, segundo a literatura científica, a exposição continuada a estes padrões, sejam eles de corpos ou de estilos de vida específicos que são inacessíveis à maior parte da população brasileira, podem incitar sentimentos de inadequação, frustração e inferioridade, resultando na redução da autoestima e aumento de sintomas ansiosos e depressivos (Neta *et al.*, 2026; Rodrigues; Silveira; Correa, 2020).

Nesse contexto, as redes sociais funcionam através de uma lógica algorítmica perigosa que, baseada nos imperativos de hiperprodução e exposição, violenta o sujeito hiperconectado de maneira velada, levando-o a crer que está exercendo sua liberdade ao produzir, expor e consumir informações constantemente, quando na verdade, encontra-se aprisionado em um ambiente que prioriza excessivamente a motivação, levando-o a esgotar todas as suas capacidades, sem a percepção consciente de que está sendo submetido a um mecanismo de dominação. Esta lógica, associada ao conceito de positividade[1] discutido por Han (2015), se infiltra de forma sutil no cotidiano, tornando-se difícil de identificar, visto que a eficiência,

[1] Em seu livro Sociedade do Cansaço (2015), Han apresenta a positividade como a distinção principal entre a sociedade disciplinar de Foucault e a atual sociedade do desempenho, que antes pautada na negatividade e proibição, agora vigora através da constante iniciativa e motivação. O sentimento de poder ilimitado oferecido pela positividade incita o desejo de maximização da produção e constante autossuperação do sujeito, estimulando o novo mandato da sociedade pós-moderna, pautada na liberdade coercitiva.

ISSN 2317-1316

produtividade e autossuperação geralmente são tidos como qualidades e virtudes. Desse modo, podem ser verificados impactos nos âmbitos individual e societal.

No tocante à perspectiva individual, podem ser percebidas alterações nas subjetividades contemporâneas e no processo de construção identitária. Isso ocorre porque, segundo analisa Barreto (2025), o sujeito do desempenho se constitui como uma engrenagem central da lógica neoliberal em que se insere, de modo que, por meio da internalização de imperativos de eficiência e autossuperação contínua, adoece psiquicamente. Sob esse viés, a autora em paralelo sugere que, na atual Sociedade do Desempenho, a subjetividade humana passa por um processo de transformação radical: graças à autorreferência que aliena o trabalhador nesse novo modelo social, ele não apenas trabalha para sobreviver, mas transforma todo o seu tempo, seus desejos e sua subjetividade em instrumentos de produtividade. Mediante esse estado de produção ininterrupta, há a dissolução da fronteira entre a vida e o trabalho, criando um sistema cíclico em que o descanso genuíno necessário à reparação e contemplação se torna impossível, e o sujeito torna-se agente de sua própria exploração.

Nesse cenário, os mecanismos da era digital são essenciais à permissividade e estruturação desse sistema. Os algoritmos das redes sociais, ao reduzirem os usuários a dados, utilizam de sua *pegada digital* para captar interações e cliques, identificando comportamentos previsíveis e construindo padrões de consumo inconscientes que, aos poucos, se aderem ao estilo de vida. Assim, são alimentados sistemas que por meio de postagens, anúncios e sugestões de conteúdo nos devolvem versões alternativas de nós mesmos: mais editadas, mais calculadas e mais fáceis de prever; em um movimento de esvaziamento da subjetividade humana em benefício das corporações capitalistas no poder e por trás das redes. Desse modo, conforme analisa Ferreira (2025), o indivíduo, agora desprovido de sua subjetividade, perde uma de suas capacidades basilares: a de ser um ser em movimento. Isso porque, ao atuarem sobre as relações que derivam do sujeito em determinado momento (seus hábitos, suas interações e suas escolhas passadas), tratam-nas como estáveis e invariáveis, instaurando-as como estruturas fixas representantes do comportamento do usuário.

Assim, a possibilidade de mudança torna-se inviável, e o novo não tem mais espaço para emergir, dando lugar a uma coleção de vínculos calculáveis e previsíveis. É exatamente nessa falta de convívio com a diferença e o inesperado que se torna impossível encontrar recursos capazes de quebrar esse ciclo silencioso, permitindo a sua internalização pelos usuários e a

ISSN 2317-1316

aceitação pela sociedade, que o coloca na posição de uma lógica estrutural. Dessa forma, segundo Han (2015), a subjetividade se dilui, permitindo ao sujeito não apenas se explorar até seu esgotamento físico e mental, mas também se deixar programar por uma lógica que dificulta o exercício do pensamento crítico e da pausa ociosa necessária à contemplação e reflexão. Nessa massificação comportamental, reside o questionamento: há espaço para a diferença? Pode-se inferir que não, pois na ausência de contato com a alteridade, as personalidades tornam-se iguais; e na ausência de elementos que tornem possível a distinção entre os sujeitos, perdemos o elemento que nos caracteriza enquanto seres humanos: a subjetividade. Portanto, podemos constatar que vivemos um processo de desumanização permitido e intensificado pelas redes sociais.

Além das alterações individuais, a problemática provoca significativas modificações no modo de funcionamento da sociedade como um todo, configurando-se como uma questão estrutural. Deve-se considerar que os impactos causados pelo uso das redes sociais não atingem a todos de forma homogênea, sendo atravessados por fatores como idade, vulnerabilidade emocional, gênero, contexto socioeconômico e padrões de uso. Desse modo, compreender os impactos das redes implica reconhecer que as tecnologias não atuam isoladamente, mas sim, articuladas a dinâmicas econômicas, culturais e subjetivas próprias do sistema capitalista.

Conforme propõe Han (2015), na Sociedade do Desempenho em que nos inserimos, a permanente exigência auto internalizada por produtividade, felicidade e visibilidade transforma a subjetividade em objeto de exposição e avaliação pública, em um movimento sustentado pela lógica performática instaurada pelas redes sociais e estruturado pela nova ordem social vigente: o Capitalismo de Vigilância. Esse, segundo Zuboff (2021), consiste em um modelo que utiliza de experiências humanas como matéria-prima gratuita para práticas comerciais ocultas de extração, predição e vendas, viabilizado pelo *metapsicopoder*. Através deste, empresas e Estados inventam meios de manipular aspectos inconscientes da mente humana, de forma que a produção de bens e serviços seja subordinada a uma estratégia global de modificação comportamental na qual são estruturados ambientes virtuais propícios à superexposição, onde há a divulgação de si mediante formas seletivas e editadas de apresentação da vida cotidiana, marcadas pela valorização do sucesso, da estética corporal e da felicidade constante (Turkle, 2017 *apud* Neta *et al.*, 2026); popularizadas sob a figura do

ISSN 2317-1316

digital influencer[2].

Contudo, a busca incessante pela performance gera prejuízos emocionais e psíquicos. A revisão da literatura científica vigente indica que a exposição contínua a conteúdos idealizados está associada ao aumento de sentimentos de inadequação, frustração e inferioridade (Vogel *et al*., 2014 *apud* Neta *et al.*, 2026); dado que a sujeição a informações rápidas e demandas incessantes, sempre a um clique de distância, leva o sujeito ao limite de suas capacidades. Isso porque os usuários são bombardeados por conteúdos que demonstram cenários inalcançáveis, e cuja incompatibilidade com sua situação, além de gerar frustração, criam a utopia de que, mediante esforço e modificação de hábitos de consumo e padrão de vida, será possível atingir a realidade idealizada. Assim, o usuário vive constantemente insatisfeito com seu cotidiano e em busca de uma realidade que nunca será atingida, o que, além de ocasionar a intensificação das exigências de desempenho, amplifica vulnerabilidades já existentes e cria um estado de cansaço estrutural que afeta a saúde mental e o bem-estar geral.

Nesse sentido, entende-se que a exposição contínua a representações editadas da vida alheia favorece processos de autodepreciação, insatisfação corporal e sensação de fracasso pessoal, o que contribui para estados persistentes de hiperestimulação emocional, ansiedade antecipatória e dificuldade de regulação afetiva (Zuboff, 2021). E diante desse adoecimento em massa, deve-se atentar ao fato de que, concomitantemente, aumenta a medicalização do sofrimento dos usuários. Isso porque, em múltiplos contextos, dificuldades emocionais relacionadas à solidão, insegurança identitária e hiperexposição virtual são convertidas em diagnósticos individuais, desconsiderando determinantes sociais e culturais envolvidos na produção desse sofrimento. Portanto, pode-se concluir que a cultura da performance contribui para o aumento do sofrimento psicológico na sociedade contemporânea, de modo que as plataformas digitais, além de a sustentarem, utilizam-na para amplificar vulnerabilidades prévias.

No entanto, catalogar as redes sociais apenas como instrumentos prejudiciais reforça um discurso moralizante. A literatura sobre o tema destaca que esses ambientes também operam como redes de apoio emocional, canais de acesso à informação em saúde mental e espaços essenciais de visibilidade para grupos socialmente marginalizados. Desse modo, é preciso

[2] Equivalente ao termo ‘influenciador digital’, refere-se ao profissional que cria conteúdo para as redes sociais, compartilhando opiniões, estilo de vida e conhecimentos sobre um nicho específico.

ISSN 2317-1316

compreender que a problemática não consiste na existência dessas plataformas em si, mas nos sistemas econômicos, algorítmicos e subjetivos que as estruturam (Neta *et al.,* 2026). Ainda para os autores, o sofrimento psíquico contemporâneo está associado a fatores mais amplos que transcendem a hiperconectividade, de modo que as plataformas digitais intensificam vulnerabilidades pré-existentes, em vez de constituírem a causa única do adoecimento.

Trata-se, portanto, de um fenômeno multifatorial, impossível de ser reduzido a um único elemento, demandando uma compreensão integral da totalidade do sujeito. Diante da ambivalência desses ambientes, torna-se indispensável uma análise crítica que se distancie tanto de leituras simplistas sobre a tecnologia quanto de discursos que ocultem os impactos reais da conectividade digital.

Diante da literatura estudada, aponta-se que as intervenções para o enfrentamento dessa problemática devem considerar a necessidade de repensar modos de existência cada vez mais orientados pelo sucesso quantitativo e pela homogeneização da subjetividade, promovendo práticas que valorizem a singularidade, o silêncio e a pausa (Barreto, 2025). No campo das Políticas Públicas, é indicado o desenvolvimento de estratégias preventivas voltadas à educação digital crítica, à promoção da saúde mental e ao fortalecimento de habilidades socioemocionais no uso das tecnologias.

Adicionalmente, sugere-se uma regulação mais efetiva das plataformas digitais, com foco na proteção de adolescentes e grupos vulneráveis (Neta *et al.*, 2026). Por fim, no âmbito acadêmico, destaca-se a necessidade de expandir a produção científica na área, com ênfase nos estudos longitudinais e de investigações voltadas aos contextos latino-americanos, considerando as especificidades sociais, culturais e econômicas frequentemente negligenciadas pela literatura internacional, que ainda predomina nos estudos sobre essa temática (Neta *et al.*, 2026).

4 CONCLUSÃO

Conclui-se que o sofrimento psíquico contemporâneo transcende a hiperconectividade, intensificando vulnerabilidades pré-existentes em vez de constituírem a causa única do adoecimento. A pesquisa indica que a lógica neoliberal de autossuperação contínua está fortemente implicada no adoecimento, resultando em alterações na subjetividade e na construção identitária. Ou seja, a problemática não está somente na existência das plataformas,

ISSN 2317-1316

mas nos sistemas econômicos, algorítmicos e subjetivos que as compõem. Esses impactos variam segundo marcadores individuais e contextuais, e reduzir as redes sociais apenas a instrumentos prejudiciais reforça um discurso moralizante, ignorando seu papel como apoio emocional e de assistência ao acesso à informação, tratando-se, portanto, de um fenômeno multifatorial. Enfrentar a problemática discutida exige uma análise crítica para repensar os modos de existência e desenvolver políticas públicas, considerando a totalidade do sujeito e desenvolvendo estratégias preventivas com enfoque na educação digital. Agradecemos à Universidade Santa Cecília, ao Centro Institucional de Pesquisa (CIPE) pelo auxílio prestado e à Prof.ª Me. Tahamy Louise Duarte Pereira pela orientação sublime. Como perspectiva futura, sugere-se aprofundar estudos e expandir a produção científica na área, com ênfase em estudos latinos longitudinais.

5 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Não foram utilizadas ferramentas de IA no desenvolvimento deste artigo.

6 REFERÊNCIAS

Barreto, C. O sujeito agente da própria exploração: reflexões sobre a Sociedade do Cansaço de Byung Chul-Han. Kairós: Revista Acadêmica da Prainha, Fortaleza, v. 21, n. 2, 2025

Braun, V.; Clarke, V. Using thematic analysis in Psychology. Qualitative Research in Psycology, v. 3 n. 2, p. 77-101, 2006.

Camargo, R. C. Per-formance e performance art: Superando as velhas tra(d)ições. Revista Moringa, Goiânia, v. 7, n. 1, 2016.

Carvajal, A.C. Neoliberalismo, persona y universidad: una mirada crítica a sus intersecciones y consecuencias en la educación superior. Revista Boletín, v. 14, n. 8, 2025.

Castro, J.C.L. A Cultura da Performance nas Plataformas Algorítmicas. Comun. & Inf., Goiânia, v. 25, p.693-718, 2022.

Conde, T. N.; Seixas, C. M. Movimento Body-Positive no Instagram: reflexões sobre a estetização da saúde na sociedade neoliberal. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em saúde, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, 2021.

Cuevas, E.; Pasetti, G. T. Construção coletiva para interação social: Uma crítica ao excesso de uso das redes sociais. Curitiba: 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso Superior de Bacharelado em Design. Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

ISSN 2317-1316

Facas, E.P. Sociedade da Performance e a falácia da liberdade no discurso neoliberal. In: DUARTE, F.S.; MENDES, A.M.; FACAS, E.P. Psicopolítica e psicopatologia do trabalho. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p. 63-75.

Ferreira, S. R. da S. Subjetividade e vigilância algorítmica: notas sobre o agenciamento tecnológico das plataformas de redes sociais. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 25, p. 1-13, 2025.

Ganong, L. H. Integrative reviews of nursing research. Research in Nursing and Health, v.10, n.1., 1987.

Ghalem, A.; Okar, C.; Chroqui, R. Performance: A concept to define!. *In*: LOGISTIQUA 2016: Colloque International de la Logistique et le Suply Chain Management, 2016; Berrechid, Marrocos.

Han, B. C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 2015.

Kenski, V. M. Cultura Digital. *In*: MILL, D. Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de educação a distância. Campinas: Editora Papirus, 2018.

Leite, P. C. B. S. Hiperconectividade e exaustão. Jornal de psicanálise, São Paulo, v. 55, n. 102, 2022.

Lisboa, A. P. S.; Kieling, A. S.; Senta, R. M. D. O Engajamento Nas Mídias Sociais Como Medidor De Valor Social. Anais do Interprogramas Secomunica, v. 8, n. 1, 2024.

Magalhães, C. Sociedade da performance: viver para agradar o outro. [s.l.] Publicação Independente, 2024.

Neta, M. L. M. R. et al. Hiperconectividade, Comparação Social e Sofrimento Psíquico: Repercussões das Redes Sociais na Saúde Mental Contemporânea. Revista Tópicos, Rio de Janeiro, v. 4, n. 34, 2026.

Rodrigues, A. P. G.; Silveira, L. R.; Correa, C. A. Internet, Narcisismo e Subjetividade: reflexões sobre a constituição do sujeito na/pela rede social. Psicanálise & Barroco em revista, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2020.

Rosa, G. A. M.; Santos, B. R. Repercussões das redes sociais na subjetividade de usuários: uma revisão crítica da literatura. Temas em psicologia. Ribeirão Preto, v. 23, n. 4, p. 913-927, 2015.

Zuboff, S. A era do capitalismo de vigilância. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.